

**SECULTFOR – SECRETARIA DE CULTURA DE FORTALEZA
CPHC - COORDENAÇÃO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO
CULTURAL**

**INSTRUÇÃO DE TOMBAMENTO MUNICIPAL
PARA A IGREJA SÃO PEDRO**

APRESENTAÇÃO

Este documento constitui o resultado da pesquisa histórica e arquitetônica realizada pela equipe técnica do Departamento de Patrimônio Histórico Cultural, com o objetivo de instruir o Processo Administrativo Nº 011/08-FUNCET, de 08/jan/2008, referente à solicitação do Tombamento do imóvel denominado **Igreja de São Pedro dos Pescadores**, situado à Avenida Beira-Mar s/n, no bairro Mucuripe, em Fortaleza /Ceará.

O processo foi aberto a partir do Of. IPHAN/4a. SR/GAB/ nº 650/07, de 27 de dezembro de 2007, acompanhado de Parecer Nº 90/07-DITEC, encaminhando à FUNCET a solicitação feita àquele órgão pela Deputada Gorete Pereira.

Aberto o Processo, o Secretário da Coordenadoria Especial de Articulação Política do Governo Municipal, Waldemir Catanho de Sena Júnior, encaminhou através do Of. Nº 018/2008, de 14 de fevereiro de 2008, a solicitação dos Vereadores José do Carmo Gondim, Agostinho Frederico do Carmo Gomes e Alúcio Sérgio Novaes Eleutério, acompanhada de Abaixo Assinado contendo em torno de 1.800 assinaturas de moradores do bairro, que havia sido entregue na Câmara Municipal.

Segundo informações do Vigário Padre Alderi Leite, a mobilização da comunidade deveu-se ao risco que a edificação passou a correr com a cobrança dos impostos devidos à União por estar a Igreja assentada em terreno de marinha e com a dificuldade da Arquidiocese de Fortaleza de saldar a dívida.

O presente documento atende, portanto, a uma fase fundamental de instrução do processo dando os fundamentos do Tombamento, como também, as recomendações e providências a serem tomadas em relação ao imóvel.

SINOPSE HISTÓRICA

A) O MUCURIBE E O SEU LUGAR NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE

A história do bairro do Mucuripe está profundamente vinculada ao processo de urbanização da cidade de Fortaleza, fazendo com que este sofresse, em momentos diferentes, significativas mudanças não só na sua paisagem, como também no uso do seu solo e na sua vocação histórico social.

Apesar das referências nos primeiros documentos sobre a história do território cearense, registrarem a presença de europeus (espanhóis) na Ponta do Mucuripe, até antes da data oficial da abordagem portuguesa no Brasil, é no século XVIII que vamos encontrar indicações sobre o significado daquela parte do território para o processo de colonização e ocupação da orla marítima em Fortaleza. Em 1799, em carta ao governador Bernardo Manoel de Vasconcelos, vereadores responsáveis pela administração da Vila de Fortaleza, defendiam a necessidade de preparar um porto na enseada do Mucuripe, uma vez que esta formava um lago natural mais acolhedor das embarcações, diferentemente do mar da Prainha, cujas ondas alcançavam alguns metros de altura e dificultavam o desembarque de pessoas e mercadorias, comprometendo o crescimento da Vila. Em Ofício ao Secretário de Negócios e Marinha de Ultramar, há a referência que o governador estaria iniciando uma estrada para ligar o Mucuripe à Vila de Fortaleza, por concordar que era um lugar em que a natureza auxiliava para a finalidade porto, pois deixava *“os barcos como em um rio morto, ancoradas as embarcações de maior lotação”*, isto é, o mar era tranqüilo. No século XIX, em 1839, em Relatório Anual enviado à Assembléia Provincial, o então Presidente da Província reiterava a necessidade de construção do porto no Mucuripe, pois a dificuldade de desembarque de pessoas e mercadorias causava *“gravíssimo desalento”* para os negócios da Província. Portanto, mais de 50 anos depois da reivindicação dos vereadores, a questão ainda não estava resolvida e continuava na pauta das reivindicações da Vila de Fortaleza.

No entanto, em 1860, conforme refere Thomaz Pompeu S. Brasil, já se registra a existência de um *“Farol de luz fixa... (e de) um povoado na*

enseada e ao pé do morro do mesmo nome, a uma légua da cidade...”(Vieira Jr. p.30)

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Fortaleza vive um “boom” econômico, resultante principalmente do desenvolvimento da agricultura algodoeira em virtude da Guerra de Secessão Americana (1860/66), que deixou os Estados Unidos incapaz de atender à demanda da indústria têxtil na Inglaterra. Esse fato colocou a província do Ceará no mercado internacional e permitiu um maior acúmulo de riqueza para os latifundiários cearenses.

É a partir desse período que a cidade de Fortaleza recebeu uma maior intervenção do poder público, quando então foram abertas ruas largas - os boulevards. Foi construído o Passeio Público, como também foram realizadas obras de saneamento: canalização de córregos, aterramento dos pântanos da Prainha, construção de bueiros, etc. A par disso, a cidade de casario baixo, viu proliferar edificações de maior porte, quando foram construídos os casarões de 2 e até 3 pavimentos, enfim, operou-se uma intervenção urbanística pautada pelos princípios da medicina social e dos conhecimentos técnicos-científicos de racionalização do espaço urbano, seguindo um movimento que acontecia em outras cidades brasileiras, em conformidade com os princípios de modernização das cidades européias. Pretendia-se tornar Fortaleza uma cidade bela e saudável, livre dos “miasmas” que adoeciam a sua população. Evidentemente todo esse frenesi econômico e urbanístico estava restrito ao perímetro central da cidade. Nem a grande seca de 1877-79, depois de 32 anos de bons invernos, pois a última grande seca tinha acontecido 1845, interrompeu esse processo. Rodolfo Teófilo, no seu livro *A Fome*, tem uma passagem em que se refere ao trabalho dos retirantes, que eram enviados ao Mucuripe para transportar as pedras de uma pedreira, para a pavimentação das ruas e de outras construções da cidade, ao mesmo tempo em que reivindicava a construção do porto:

“Chega o retirante, é alistado, e no dia seguinte o comissário ordena-lhe que siga para a pedreira do Mucuripe, a duas léguas de Fortaleza, ida e volta, a carregar pedras e ter direito a uma ração... duas vezes por semana dão-lhe um litro de farinha e meio quilo de

carne do sul, para se alimentarem com uma família, em média, de seis pessoas”.

E acrescenta:

“Esses braços enfraquecidos pela fome por que não os fortalecem e depois os empregam num trabalho útil e com um salário razoável? O porto de Fortaleza...por que não se faz?” (Teófilo: p.116).

Provavelmente, muitos desses retirantes fixaram moradia nas areias do Mucuripe, num movimento análogo ao que em período mais recente, no século XX, aconteceu com a orla oeste da cidade, dando surgimento ao bairro do Pirambu, que historicamente constituiu-se com os retirantes das secas desse século.

A expansão da cidade em direção leste começa a se intensificar após as medidas de saneamento e construção dos bueiros e pontes que permitiram atravessar o Riacho Pajeú, sem dificuldades, a partir das primeiras décadas do século XX. Além disso, fazia parte do ideário do progresso e da modernidade a adoção de práticas e comportamentos saudáveis, inclusive os banhos de mar, recomendado pelos médicos para a cura de algumas doenças e a prevenção de outras. Segundo o historiador Alain Corbin, em seu livro *O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental*, desde o século XVIII já vinha acontecendo na Europa o costume do banho de mar baseado na concepção de que o litoral aparece como alternativa aos males da civilização e “*o banho de mar gélido*” (o que não é o caso de Fortaleza) é receitado como panacéia, pois “*o mar lava e limpa toda a sujeira humana*”.

Nas primeiras décadas do século XX, a ocupação da orla e o uso da praia como espaço de cura e de sociabilidade passa a ser incorporada pela elite cearense, como indicação de refinamento e de ostentação de poder e riqueza. Começa um processo de ocupação da zona litorânea com a construção de casas que eram usadas nos períodos de férias e fins de semana incluindo os clubes sociais que tinham suas sedes no Centro da cidade ou até em áreas mais interiores, como foi o caso do Ideal Clube situado no bairro das Damas, que construíram sedes na praia, que vai sendo ocupada, em quase

toda a sua extensão, com imóveis para essa finalidade de uso. Não é sem razão que este processo se dê em direção ao leste, pois de acordo com as teorias miasmáticas, esta seria a área mais saudável da cidade, uma vez que os ventos seguindo a direção leste/oeste, levavam os maus e doentios odores para o lado oposto da cidade. Este processo dá ao espaço litorâneo, à leste, uma nova significação, diferente da que tinha anteriormente como lugar de passagem, de chegada e saída de pessoas e mercadorias, ou lugar de pobre e desvalido (os pescadores/ estivadores/ prostitutas/ retirantes/ etc.). De lugar dos excluídos, passa a ser o lugar do ócio para os aquinhoados pela riqueza. No entanto, esta forma de ocupação não se deu em toda orla, e é somente com a construção do porto do Mucuripe, a partir da década de 1940, que o ritmo de vida dessa parte da cidade alterou-se profundamente, com a presença de uma população de origem e atividades diferenciadas.

Mas, ainda assim, a imagem de uma paisagem com um imenso areal coberto de coqueiros e de choupanas de palha, que aparece nas descrições dos documentos mais antigos que temos cortejado, ainda permanece na década de 1950 e é reafirmada pelo Padre José Nilson, que assumiu a paróquia 100 anos depois de criada. Em depoimento a Blanchard Girão, na obra intitulada Mucuripe: de Pinzon ao Padre Nilson, diz Padre, ao rememorar a sua chegada na paróquia do Mucuripe:

“Comecei a palmilhar todos os recantos do imenso território da Paróquia. Subia e descia morros, vencida trechos prolongados de areal cansativo... Aquilo que eu imaginara, estava diante de mim, um desafio cotidiano. Vivia no Mucuripe uma comunidade extremamente pobre, ou mais que isso, miserável. Naqueles barracos de palha, mulheres desgrenhadas, com uma prole numerosa... na expectativa da chegada, ao fim da tarde, do peixe que o marido fora arriscar no mar sem fim”. (Girão p.196).

Apesar deste quadro pintado pelo Pe. Nilson, o Mucuripe apresentava as suas contradições. André Aguiar cita depoimentos de antigos moradores, em cuja memória prevalece o registro de vida farta: “ a gente chegava a comer peixe até seis vezes por semana”. E acrescenta o autor: “A pobreza das

habitações contrastava com a abundância nas panelas suspensas sobre o fogo à lenha, quase sempre abarrotadas de peixes, alimento básico na mesa das famílias praianas”(Aguiar:p.18)

O modo de viver na praia constrói uma cultura em que “o sustento das famílias não depende exclusivamente da força de trabalho, mas da interação entre o homem e a natureza...” Vida singela, desapego material, simplicidade e solidariedade, a liberdade das crianças brincando nas areias, aprendendo o ofício na ajuda que dão aos pais em sua faina, são estes os valores que prevalecem e norteiam as suas relações de grupo. A pesca é uma atividade perigosa e a vida é vivida contando sempre com a possibilidade de uma embarcação ir para o mar e não ter retorno: “...cada partida faz-se repleta de superstições... Esse imaginário, que se alimenta continuamente de desastres e narrativas épicas das façanhas dos povos do mar, nutre igualmente um arraigado sentimento de religiosidade”. (Aguiar, p.21)

A urbanização da praia com a construção da Avenida Beira-Mar na gestão do Prefeito Manuel Cordeiro Neto (1958-62), ao mesmo tempo em que levou muitas expectativas de melhorias no bairro, contribuiu, por outro lado, para o estabelecimento de um processo de ocupação que foi ressignificando o espaço pelos novos usos que se lhe vão agregando. Primeiramente, como espaço de sociabilidades, de desfrute da praia e dos bares e restaurantes que vão se instalando e acolhendo uma “boemia” de artistas, estudantes e intelectuais outros, convivendo, por algum tempo ainda, com um lugar bucólico, profundamente marcado pela presença dos pescadores e suas famílias, com o seu trabalho e práticas sociais da vida cotidiana. No entanto, num segundo momento, José da Silva afirma que essa relativa tranquilidade começa a se modificar:

“Nos anos oitenta, a Beira-Mar inicia um intenso processo de ocupação resultando numa verticalização acelerada, erguendo verdadeira muralha, impedindo a visão do mar. O charme e a turistificação do lugar ressignificaram o território da praia que viu, paulatinamente, seus simples e obreiros pescadores serem substituídos por diferentes tribos urbanas... Essa competitividade e seletividade espacial atribuíram à Beira-Mar, papel emblemático na

construção de imagens de Fortaleza. O grande salto deu-se em 1982, quando a área foi aformoseada com o calçadão... (Silva: p.49 v. tb. p.88)

E conclui:

“Fortaleza vê-se, de repente parcialmente alijada do seu mar. Cercada, como se uma enorme muralha impedisse a sua maritimidade. Que saudade da chegada dos pescadores em vários pontos da sua costa, das redes esticadas, do peixe fresco, do reparo nas velas”. (Silva: p.25)

Constata-se que a “*A Beira-Mar já não é mais a mesma...*”, que o lugar antes bucólico cedeu lugar para as noitadas, na medida em que foi se modificando o uso do seu solo e alterando-se e complexificando-se as suas funções, e, evidentemente, emergiram os “*conflitos de função entre a condição de lugar de turismo, de residência e, ao mesmo tempo, lugar do acontecimento, do encontro e da festa*” (Silva: p.), fatos estes que têm propiciado a constante expulsão do povo daquela área da cidade.

A Capela de São Pedro dos Pescadores, antes rodeada de um vasto areal e de coqueiros, foi sendo envolvida pelo asfalto, cimento, carros, barulhos outros para além do barulho do mar, mas mesmo assim, transformada em espaço reduzido e confinado, permaneceu como o lugar por excelência de encontro da comunidade do Mucuripe, hoje, bem mais diversificada e socialmente mais desigual do que o foi no passado.

B) A CAPELA DE SÃO PEDRO DOS PESCADORES – LUGAR DE MEMÓRIA, RELIGIÃO E SOCIABILIDADE

Como podemos constatar, havia um constante interesse pela área do Mucuripe, considerada estratégica para o desenvolvimento da cidade. E este interesse não era somente econômico e político-administrativo. A Igreja parece que também entendia assim. Em 1852, foi colocada a pedra fundamental da

Igreja de Nossa Senhora da Saúde, na barranca do Mucuripe, em frente a sua enseada, pelo Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Vigário Colado de Fortaleza (Vitalício) e, em 1864, tem-se o registro do primeiro casamento realizado na Igreja, indicando o pleno funcionamento do templo.

A fundação da Igreja num lugarejo com alguns poucos barracos de palha que abrigavam famílias de pescadores, muito provavelmente constituiu-se, por muitas décadas, a única instituição existente no lugar, que pudesse indicar a presença de uma autoridade, uma vez que é somente nas primeiras décadas do século XX que o poder público se faz presente com a criação da Colônia Z-8, que organiza e demarca a área de atuação dos pescadores.

A Igreja de Nossa Senhora da Saúde passa a ser o lugar do encontro para as práticas religiosas e, nas areias do seu entorno, realizam-se as festas da comunidade. No entanto, há evidências de que a relação entre a Diocese e a comunidade era permeada por muitos conflitos, segundo alguns autores, em virtude de desentendimentos no que se refere à administração dos rendimentos da Capela e pela forma “fanática” de adoração da imagem da santa – N.S. da Saúde; e de cunho moral, pois os autores se referem também às bebedeiras e arruaças que os homens faziam nos arredores por ocasião das festas religiosas ou não, atitudes estas consideradas desrespeitosas pela proximidade do lugar sagrado e por serem indicadoras de abandono da moral familiar preconizada pelo catolicismo.

É certo que havia uma preocupação em relação ao patrimônio, uma vez que, em 1909, o Bispo Diocesano Dom Joaquim José Vieira, nomeou uma Comissão composta pelo Vigário Cônego João Alfredo Furtado, pelo Monsenhor Dionísio Liberato da Costa e de alguns membros da comunidade, para realizarem o arrolamento dos bens da Capela N.S. da Saúde do Mucuripe e instalar um cofre na Igreja. Essa medida eclesiástica já denota uma desconfiança em relação à algumas pessoas da comunidade e, dado o espírito de solidariedade comunitária, atinge a todos, provocando uma coesão de grupo que se manifestará em muitas ocasiões.

A partir do Relatório dessa Comissão, datado de 26 de outubro do mesmo ano, 1909, acompanhado de um arrolamento dos bens da Igreja, é possível constatar a existência de um patrimônio significativo se considerarmos que o templo está instalado numa comunidade muito pobre. São dezenas de

objetos como imagens, crucifixos e castiçais, andor; móveis como bancos, mesas, confessionário, oratórios; inúmeras vestes rituais, para diferentes ocasiões, etc. e, *“uma casinha de taipa de porta e janela de frente coberta de palha”*. O que é mais elucidativo, no entanto, é a parte do Relatório em que a Comissão, ao prestar conta ao Bispo dos resultados da sua missão, informa a dificuldade em fazer o arrolamento *“porque a Capella estava completamente cheia de mulheres”* e que não puderam *“assentar o cofre”* em virtude de *“uma atitude hostil do povo que estava nas imediações da Capella, que com vozes alteradas e ameaçadoras protestavam contra o assentamento do dito cofre”*.

Desse registro o que ressalta e mais impressiona é a capacidade de enfrentamento da comunidade, contrapondo-se à determinação do Bispo, impedindo que a Comissão cumpra a sua missão de instalar o cofre. A ocupação da Capella pelas mulheres e a atitude dos homens em seu redor, define as estratégias e os lugares sociais e de gênero na luta em defesa do que era entendido e concebido como lugar sagrado, mas, mais que isso, denota também a defesa e a apropriação material e simbólica de um dos principais signos da vida comunitária. Com esse gesto, a comunidade demonstrou não somente o espírito de religiosidade, mas o de pertença e apropriação de um modo de viver. Esse embate, talvez de forma mais silenciosa, permaneceu por mais de 20 anos, até quando, em 1930, o Bispo D. Manuel, interdita a Capella e excomunga o responsável. Uma decisão dessa natureza, dá a indicação do quanto para a hierarquia da Igreja, era inconcebível a desobediência de pobres e ignorantes pescadores e suas famílias.

Pelo visto, a interdição não surtiu o efeito desejado pelo Bispo. O Jornal O POVO, de 09 de setembro de 1931, em matéria de capa, com foto da Capela noticia a novena daquele ano com a seguinte legenda:

“À risonha povoação de Mocuripe, nestas últimas noites, tem afluido incalculável multidão de fieis, que ali vai assistir ao tradicional novenário em honra de Nossa Senhora da Saúde, na pitoresca e antiga capelinha onde os pescadores e jangadeiros, de geração em geração, vêm fazendo suas preces.

Todas as tardes é enorme o trânsito de fiéis pela praia desde a capital até o Mucuripe, onde foram armadas inúmeras barraquinhas com diversões e restaurantes”.

O que se depreende da notícia é que apesar da interdição, a Capela continuou como referência da vida comunitária, de religiosidade e de sociabilidade, não só para a comunidade do Mucuripe, mas até para a “capital” (forma de referir-se ao centro histórico da cidade), o que é confirmado pelo Pe. Aldery Leite, atual vigário, quando afirma que mesmo com o fechamento da Capela por dez anos, esta nunca deixou de ser um referencial fundamental da vida religiosa da comunidade. Quando em 1941, Orson Welles, vem ao Ceará filmar a saga dos jangadeiros, o principal cenário da vida comunitária é a Igreja e o seu entorno, fato este que reafirmou no imaginário social, a importância da edificação como lugar sagrado e de sociabilidades, estreitamente vinculado aos momentos marcantes da vida cotidiana – o trabalho no mar, a faina da chegada e saída das jangadas, atividade artesanal na produção dos instrumentos da pesca, os casamentos, as mortes, as festas e, provavelmente uma das mais importantes celebrações comunitárias de Fortaleza – a procissão de São Pedro nas jangadas, que sintetiza, na dimensão religiosa, o sentimento de pertença e de coesão da comunidade do Mucuripe.

Em 1932, a criação da Paróquia do Mucuripe e a construção da matriz no alto da duna próxima à Volta da Jurema, reorganizou em bases institucionais a vida religiosa da comunidade. Em 10 de abril de 1932, o Padre Thiago Jansen, informa ao Arcebispo que no seu Curato “*não tem capela; tem Conferência São Vicente de Paulo, Apostolado da Oração para homens, para mulheres e a Cruzada para os meninos*”, o que reafirma a posição de igreja em desqualificar o espaço e de negar o aval para práticas consideradas condenáveis e de insubordinação à autoridade. A Capella, lugar de resistência e defesa da vida comunitária, permaneceu fechada por sete anos, só reaberta em 1937, pelo Pe. Francisco Pinheiro Landim, com o nome de Capella de Nazaré, posteriormente mudado para Capela de São Pedro dos Pescadores.

A reabertura do templo permite conjeturarmos que a comunidade permaneceu resistindo à determinação eclesial e lutando para reafirmar o seu principal referencial de pertença e coesão comunitária.

A mobilização que hoje fazem, buscando todas os recursos e formas para preservação do templo, é o testemunho maior de importância da Capela como lugar do sagrado, mas, mais que isso, como reafirmação identitária e de pertença a uma comunidade de destinos.

CRONOLOGIA DO TEMPLO

- 1852 - Colocada a Pedra Fundamental para construção da Capela de Nossa Senhora da Saúde (conforme placa ainda existente na Capela)
- 1864(08/fev) - realizado o primeiro casamento na Capela (registros da Paróquia)
- 1908 - Instalação da Conferência de São Vicente de Paula
- 1909(26/out) - Relatório do arrolamento dos objetos da Capela pela Comissão presidida pelo Pe. João Alfredo Furtado e Monsenhor Dionísio Liberato da Costa
- 1930(11/dez) - Bispo D. Manuel Silva Gomes faz a interdição da Capela e excomunga o responsável pela mesma
- 1931(01/set) - Jornal O POVO publica notícia dos festejos
- 1931 - Pe. Luis Carvalho Rocha abençoa a imagem da Virgem e inicia a construção do novo templo, onde atualmente está a Matriz
- 1932(30/abr) – Relatório do Pe. Thiago Jansen informando dados da Freguesia no qual registra a existência do Apostolado da Oração para homens, mulheres e a Cruzada para as crianças
- 1935 - É criada a Paróquia do Mucuripe
- 1937 - Reaberta pelo Pe. Francisco Pinheiro Landim com o nome de Capela de Nazaré e somente depois passou a chamar-se Capela de São Pedro
- 1941 – Filmado “It’s all true” de Orson Welles, onde é mostrada a fachada da capela e aspectos da vida cotidiana e de trabalho dos pescadores
- 1951 – Pe. José Nilson Oliveira Lima assume a paróquia – a partir desta data foram feitas algumas interferências e modificações na arquitetura da Igreja, deixando-a com a forma que tem hoje;
- 2007 – Comunidade mobiliza-se para defender a permanência da Igreja, ameaçada pela possibilidade de venda pela Arquidiocese, para pagamento de dívida junto à União, encaminhando abaixo-assinado à Câmara Municipal de Fortaleza, com mais de 1800 assinaturas.

ANÁLISE DA ARQUITETURA E DA IMPLANTAÇÃO URBANA

A) IMPLANTAÇÃO URBANA

A edificação situa-se no bairro do Mucuripe, zona litorânea de Fortaleza, em quadra delimitada pela Avenida Presidente Kennedy a norte, pela Avenida Abolição a leste, pela Rua Bauxita a sul e pela Travessa Caetano a oeste.

O entorno imediato é caracterizado por usos voltados à atividade turística (hotéis, pousadas e alguns estabelecimentos comerciais), situados principalmente ao longo da Avenida Presidente Kennedy, tomando partido da orla marítima, e ainda por uso residencial de elevado padrão, sendo esta uma das áreas mais valorizadas da cidade pelo setor imobiliário. É, portanto, marcado por um intenso processo de verticalização, com edificações de gabarito elevado, embora ainda remanesçam algumas construções de um ou dois pavimentos.

A visibilidade do bem é comprometida por vários fatores. O primeiro deles é seu nível estar muito abaixo do nível da Avenida Presidente Kennedy e dos imóveis vizinhos. Por se tratar de uma edificação que, apesar de não manter suas características originais, suas inúmeras reformas nunca acompanharam o nivelamento do terreno com o restante da quadra.

O segundo fator é o alto gabarito permitido para aquela área. Mesmo tendo edificações com baixo gabarito como vizinhança (residencial e comercial), sabe-se que a orla marítima é uma das áreas com maior valorização do setor imobiliário e onde se é permitido construções de até 72 metros de altura.

Percebe-se significativa poluição visual, gerada principalmente por grande quantidade de postes e de fiação elétrica, além dos gradis indiscriminadamente dispostos na área de quadras do próprio imóvel, prejudicando a visibilidade do edifício. Há, ainda, inúmeros placas de pontos comerciais dispostas de modo irregular interferindo tanto na apreciação da capela como na paisagem local.

B) ARQUITETURA

Mesmo sem uma documentação comprobatória, suspeita-se que a edificação original, construída em 1852, de acordo com pedra fundamental existente, seria apenas uma choupana de palha para abrigar a imagem de Nossa Senhora da Saúde.

Só então no início do século XX teria sido construída a capela de alvenaria cuja imagem da fachada está eternizada no filme de Orson Welles - *It's All True*.

Embora a capela tenha sofrido várias alterações em relação ao seu aspecto original e também bastante desgaste em razão de intempéries e falta de manutenção, ainda foram preservados elementos que revelam a forma inicial da edificação, de desenho bastante singelo.

Após prospecção realizada na parede e no piso pode-se verificar a presença de sistema estrutural de alvenaria de tijolo autoportante. E a oitenta centímetros de profundidade o piso original de tijolo maciço.

ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL

No geral o estado de conservação da capela é bom, até porque sofreu uma reforma recente onde foi trocado o piso da nave e do altar, porém, após o tombamento, recomenda-se o estudo de um projeto de reforma que traga as antigas formas de sua fachada mostrada no filme “It’s All True” de 1942, já que a estrutura externa existente foi mantida – alvenaria autoportante.

Recentemente o piso da nave e do altar foi trocado. Na nave foi colocada uma cerâmica sem nenhuma qualidade estética e no altar granito. Na sacristia o piso é uma cerâmica mais antiga, mas também sem nenhum valor.

A cobertura que antes era de telha cerâmica (sem registro) foi substituída por telhas de amianto. O madeiramento antes aparente foi escondido por forro de lambris de PVC. A estrutura foi reforçada com a colocação de uma viga de concreto sustentada por dois pilares laterais.

A alvenaria externa é autoportante, característica da época de sua construção.

As antigas esquadrias sofreram várias alterações. Foram abertas várias novas entradas nas fachadas laterais, sendo colocadas esquadrias de tipologias diferentes.

JUSTIFICATIVA DO TOMBAMENTO MUNICIPAL PARA O IMÓVEL

Do ponto de vista artístico e arquitetônico a Igreja de São Pedro não tem importância significativa, não necessariamente pela sua forma singela, pois que, nesse sentido, é até representativa de um tipo de templo católico bastante encontrável em diversas comunidades, seja na capital seja no interior do Ceará. Entretanto, apesar disso e embora a prospecção realizada tenha indicado a presença de materiais da época de sua fundação, o edifício sofreu drásticas perdas de originalidade como resultado das sucessivas intervenções realizadas em período relativamente recente, com modificação da sua fachada e de aspectos internos ao templo. Por outro lado, considera-se relevante o Registro do imóvel por constituir-se em referencial histórico e simbólico, na medida em que, ao longo de mais de um século e meio, constituiu-se e manteve-se como um lugar essencial na construção identitária da comunidade do Mucuripe, desde quando era apenas uma aldeiola de pescadores, até o momento atual, apesar das profundas modificações ocorridas no bairro.

Dessa forma, por preencher os requisitos de continuidade histórica e referência relevante para a memória local e a identidade da comunidade do Mucuripe e da cultura do povo fortalezense, o reconhecimento da **Igreja de São Pedro dos Pescadores** e a sua devida inscrição no **Livro de Registro de Lugares** como “ *lugar onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas*”, conforme preconiza a Lei Municipal 9.347/2008 em consonância com o Decreto Federal 3.551/2000, é a justa resposta à demanda da comunidade.

RECOMENDAÇÕES

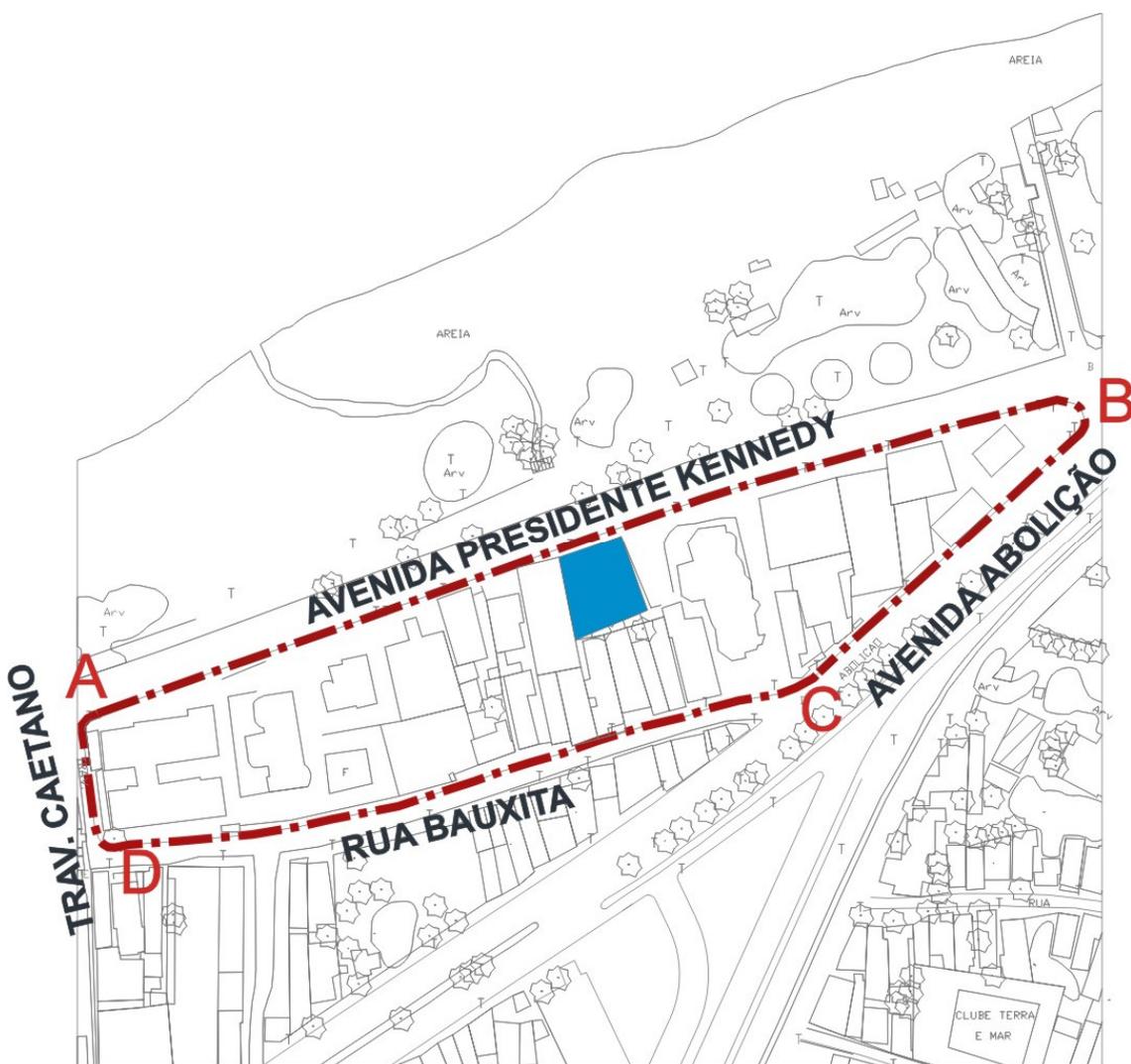
Para garantia da manutenção e da integridade física e visibilidade do bem objeto da preservação municipal, citamos as que seguem:

- Reorganização da faixa que fica em frente à capela, utilizada pelos pescadores como estaleiro e onde existe o final da canalização de córrego;
- Reforma das fachadas, trazendo de volta alguns elementos existentes no passado;
- Reforma interna, deixando aparente prospecção de parede e piso, revelando sua identidade da época da sua construção;
- Reforma e estruturação da praça de convivência existente na lateral da Capela;
- Nas construções futuras a serem desenvolvidas no entorno da área de tombamento deverá ser observado, de forma rigorosa, a definição de um gabarito que não venha a competir com o complexo tombado;
- Na vizinhança imediata do complexo deverá ser evitada a colocação de engenhos de publicidade como os que ora lá se encontram, os quais deverão ser retirados pelo poder público municipal, com disciplinamento rigoroso de suas dimensões e implantação;
- Transferência de postes de iluminação que prejudicam a visibilidade da capela;
- Reforma e transferência da estátua do pescador para o calçadão da Beira Mar;
- Retirada de comércio ambulante existente na praça de convivência da Capela;

DEFINIÇÃO DA ÁREA DE ENTORNO DO BEM TOMBADO

A mínima ambiência do imóvel tombado poderá ser garantida pela definição de uma poligonal de tombamento, definida a seguir:

Inicia-se no ponto **A**, definido no cruzamento da Travessa Caetano e da Avenida Presidente Kennedy, e segue de oeste a leste pelo eixo desta via até o ponto **B**, definido no cruzamento das avenidas Presidente Kennedy e Abolição, de onde deflete a sul por esta via até o ponto **C**, definido na confluência da Avenida Abolição com a Rua Bauxita, de onde segue por esta a oeste até o ponto **D**, no cruzamento da Rua Bauxita com a Travessa Caetano e daí a norte até o marco inicial, definido pelo ponto A.



LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO IMÓVEL

ENTORNO



Vistas da Avenida Presidente Kennedy (Beira Mar), onde se verifica o estaleiro e o Mercado de Peixes



Detalhe da grande poluição visual que dificulta a visibilidade da Capela.



Praça de convivência da Capela usada como “depósito” de grades e mesas de restaurantes vizinhos.



Comércio ambulante existente na praça de convivência da Capela.



Monumento do Pescador



Vista da fachada leste.



Vista da fachada oeste.

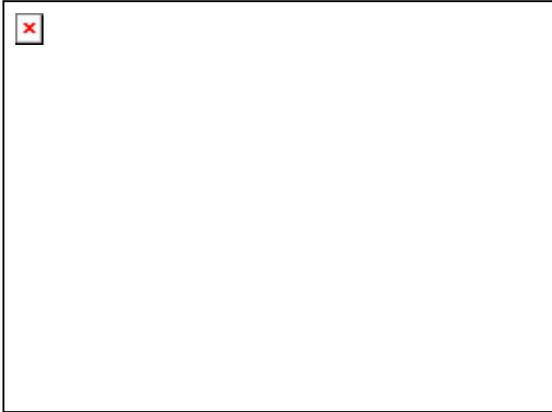


Fachada norte.

INTERIOR



Vista do altar.



Vista da sacristia.



Vista parcial da nave.



Vista interna da Capela.



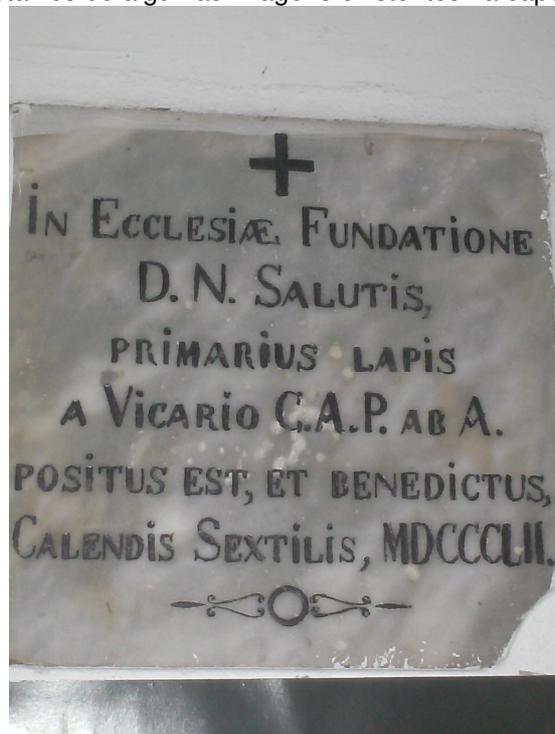
Detalhes de algumas imagens existentes na capela



Detalhes de algumas imagens existentes na capela



Detalhes de algumas imagens existentes na capela



Detalhe da Pedra Fundamental

DETALHES

MAJOR FACUNDO, 252

Red. Secretario FAU

Os Festejos religiosos de Mocuripe



Detalhe da reportagem do jornal O Povo de 1/9/1931

BIBLIOGRAFIA E FONTES CONSULTADAS

- AGUIAR, Nogueira André. **Fogo, Vento, Terra e Mar. A arte de falar dos trabalhadores do mar.** Caçapava/SP, Sec.Cult.Esp. e Lazer do Município de Caçapava. 2007.
- BARROSO, Francisco de Andrade. *Igrejas do Ceará.* Conicas Histórico Descritivas.1999.
- BRÍGIDO, João. *Fortaleza em 1810*, In. **Ceará (Homens e Fatos).** Fort. Ed. Demócrito Rocha, 2001.
- CASTRO NEVES, Berenice Abreu. **Do mar ao Museu.** A saga da Jangada São Pedro. Fort, Museu do Ceará,2001.
- CMF. **Lei de Proteção ao Patrimônio Histórico Cultural de Fortaleza.** 2008.
- CMF. **Lei Orgânica do Município de Fortaleza.** Cap. IV “Da Educação, da Cultura e do Desporto”. 2007.
- CORBIM, Alain. **O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental.** SP, Cia. das letras, 1989.
- GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe – De Pinzón ao Padre Nilson.** Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 1998.
- IPHAN. **Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio.** Rio de Janeiro, IPHAN, 2006
- SILVA, José Borzacchiello. **Nas trilhas da Cidade.**Fort, Museu do Ceará,2001.
- VIEIRA JR. , Antonio Otaviano. **Entre o Futuro e o Passado.** Aspectos Urbanos de Fortaleza(1799-1850).Fort, Museu do Ceará,2005.

JORNAIS:

- O POVO
- Diário do Nordeste

FONTES E LOCAIS DE PESQUISA

- Arquivos da Arquidiocese de Fortaleza
- Arquivos da Paróquia N. S. Saúde - Mucuripe (eclesiásticos)
- Arquivo Público
- Biblioteca Pública Meneses Pimentel

FICHA TÉCNICA

Equipe de elaboração:

Coordenação – Ivone Cordeiro Barbosa (Historiadora)

Pesquisa Histórica – Raimundo Gomes Marques (Historiador)

Pesquisa Arquitetônica – Reneé Larias Balbo Coutinho (Arquiteta)

Mariana Dutra de Sá (Estagiária de Arquitetura)

Coordenação de Patrimônio Histórico Cultural - COMPHIC